

LEMOS, André. **A comunicação das coisas: teoria ator-rede e cibercultura.** São Paulo: Annablume, 2013.

Soriany Simas Neves¹
Universidade Federal do Amazonas



A obra, *A comunicação das coisas: ator-rede e cibercultura* de André Lemos, discute a teoria ator-rede no contexto da cibercultura, em que a técnica e o social aparecem visivelmente mais imbricados. Dividido em sete capítulos, o livro traz como proposta pensar os processos de mediação que envolve as práticas inerentes do ciberespaço na vida cotidiana, com a inserção e utilização de tecnologias móveis as quais sem precedentes cada vez mais vêm reconfigurando a noção de espaço e de tempo.

A obra reflete sobre o dinamismo da vida social na era da conexão numa perspectiva circular, aberta de pensar o social, em que os objetos intervêm nas ações dos humanos e vice-versa.

¹ Professora Msc em Ciências da Comunicação com área de concentração: Ecossistemas Comunicacionais pelo Programa de Ciências da Comunicação da Universidade Federal do Amazonas – UFAM. Atua como professora Assistente no Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia de Parintins da UFAM. É pesquisadora no Grupo de Pesquisa Estudos Sociais Interdisciplinar do Baixo Amazonas e atualmente vice-editora executiva da Revista Eletrônica Mutações <http://www.periodicos.ufam.edu.br/index.php/relem>, e-mail sorissn@gmail.com.

Na busca de nos fazer entender os pressupostos que regem a teoria ator-rede, o autor destaca que, o principal deles é colocar os artefatos numa mesma relação igualitária com os humanos no poder de empreender ação, ou seja, os não-humanos aparecem como mediadores (objetos inteligentes, computadores, servidores, redes telemáticas, smart phones), mais efetivos no processo de mediação, que, segundo ele tem provocado mudanças em nosso comportamento no dia-a-dia e, por outro lado, mudamos esses não humanos de acordo com nossas demandas.

Essa evidencia se mostra dada à invasão dos objetos inteligentes (não-humanos) como mediadores, que estão invadindo todas as áreas da vida cotidiana, revelando o domínio da técnica cada vez mais articulado a vida social, como bem explica nessa passagem: “Cada vez mais não-humanos agora “inteligentes”, comunicativos, conectados e sensíveis ao ambiente”, nos fazem fazer coisas, alterando a nossa forma de pensar e de agir, em todos os domínios da cultura (família, trabalho, escola, lazer)” (LEMOS, 2013, p. 20)

Nessa teoria a técnica não é vista como algo que vai segregar o ser humano, pois como o autor enfatiza a relação com a técnica é sempre de trocas, de mediação, de delegação, de inscrição, de tensão. Nesse sentido a proposta da obra se volta em mostrar os sentidos dessa comunicação das coisas em algumas áreas da cultura digital pela teoria ator-rede.

Lemos sublinha que a mediação com não-humanos é parte constitutiva do humano, mas a forma como se engendrou a modernidade possibilitou-nos pensar o contrário, insistindo na separação e purificação dos híbridos em “sujeitos” e “objetos”.

O autor nos mostra que na área da comunicação essa ideia aparece quando pensamos o sujeito de um lado e a mídia de outro. Basta analisarmos as teorias da comunicação em que nos coloca quase sempre a mídia como manipuladora das mentes nas primeiras teorias, e mesmo em estudos contemporâneos o seu estatuto é visto como um dos principais agentes da segregação social da realidade social. Lemos destaca, por exemplo, o conceito de comunicação o qual na literatura acadêmica da área se apresenta como “a relação entre as consciências”, privilegiando somente a ação dos humanos e alijando o poder e ação dos objetos para um segundo plano, o que para ele diante da TAR não se sustenta tendo em vista a mediação com objetos não humanos ser uma das prerrogativas dessa teoria.

Diante dessa ideia principal da proposta da TAR de nivelamento entre humanos e não humanos, a teoria traz uma proposta de pensar uma teoria do social que possa entender essas relações e esses mediadores sem colocar, de antemão os humanos no centro da intencionalidade. Nesse sentido a pergunta central que Lemos lança é “como pensar o humano

independente dessas redes sociotécnicas indo para além da tese de McLuhan de que a mídia é uma extensão de nós, entretanto mais que isso, é parte da rede que nos constitui”.

Lemos (2013, p. 23) de posse da assertiva da TAR diz que o “o ator-rede, um dos principais conceitos da TAR, não é o indivíduo e a rede não é a sociedade, o ator é a rede e a rede é um ator, ambos são mediadores em uma associação”.

A teoria constitui-se numa sociologia das associações e não entende o social como uma estrutura, como compreende a sociologia tradicional, a TAR é uma nova forma de pensar o social e apresenta como metodologia a identificação e descrição de controvérsias, as quais vão buscar abrir as “caixas pretas” (cliclês, estereótipos, lugares-comuns, enunciados e objetos não estabilizados) (LEMOS, 2013, p.24)

A teoria é uma sociologia das associações e da tradução, uma sociologia da mobilidade e que coloca em questão a noção de social e de sociedade, do ator-rede. (LEMOS, 2013, P. 31). Essa mobilidade se remete a formação das associações, dos movimentos de conexão e desconexão, da comunicação e da não-comunicação das ações. (LEMOS, 2013, p. 32). Dentre as prerrogativas principais tem-se o entendimento do ser não como o ser da imobilidade, mas, o da trajetória e da sobrevivência. Os princípios da teoria e conceitos se assentam para a dimensão de fluxo, desvios, movimentos, aberturas, instaurações (LEMOS, 2013, p. 33).

Nessa linha teórica o social se constrói no próprio desenvolvimento das ciências e das técnicas (LEMOS, 2013, p. 35), sendo de posse dessa tese “não mais possível à ideia de separar questões econômicas, simbólicas, institucionais, jurídicas, das ditas científicas”, como foi fortemente disseminado pela modernidade, a que circula, por exemplo, que o Estado é laico, não podendo, dessa forma, aderir a valores e crenças religiosas, por exemplo, garantindo certa neutralidade nas suas ações.

A proposta da TAR é olhar o social não como substância, mas como subsistência, e nesse contexto outro conceito chave e importante emerge, que é o conceito de “Rede”, conceito que para a TAR significa movimento da associação, do social em formação. Isso quer dizer que a postura de entender a realidade social não se restringe apenas na “individualização da ação, ou na conformação de um espaço micro, também não ajuda”. Ambos, micro, macro, individual ou coletivo são ficções, esclarecendo que “a rede não é conexão, mas composição”. (LEMOS, 2014 p.35).

Para o cientista social, a orientação é dirigir o olhar ao rastreamento das agências em circulação, pois o fenômeno vai se apresentar como consequência da circulação em redes sociotécnicas complexas, não deixando nenhum campo estanque ou separado como categoria.

Dessa forma apresenta como principais conceitos e pressupostos:

Actantes – Tudo aquilo que gera uma ação, que produz movimento e diferença podendo ser humano e não humano. É o ator da expressão ator-rede. “Cada actante é sempre resultado de outras mediações e cada nova associação age também como um actante” (LEMOS, p. 44).

Intermediários – Ele não é um mediador, não produz diferença, apenas transporte, não modifica (LEMOS, p. 46).

Tradução - Também chamada de mediação é um conceito que remete para a comunicação e transformações dos actantes, bem como a constituição de redes. É toda ação que um actante faz ao outro, implicando aí estratégias e interesses próprios, na busca da estabilização futura da real ou, da resolução da estratégia ou do objetivo (LEMOS p. 48).

Inscrição - Forma de mediação e de tradução no qual a associação de define a partir de “scripts” , de escritas em dispositivos os mais diversos (uma máquina, um gráfico, uma lei, um mapa).

Rede – É o próprio “espaço – tempo”, o conceito remete as formas de associações entre actantes e intermediários definindo a relação entre eles (LEMOS, 2013, p. 53). A rede para TAR não é infraestrutura, não é por onde as coisas passam, mas aquilo que se forma na relação.

Controvérsia - É o lugar e o tempo da observação, onde se elaboram as associações e o social, aparece antes de se congelar ou se estabilizar em caixas-pretas. (LEMOS, 2013, p. 55)

Essência - Tomar a explicação dos fatos sob o viés de uma totalidade. Partir de explicações genéricas que são aplicadas aos envolvidos, como por exemplo, explicar toda a dinâmica da internet pela noção de poder transnacional ou militar (LEMOS, 2013, p. 57)

Preposição – noção que aparece para qualificar as análises das redes. É uma forma de interpretação de terrenos específicos (o direito, a religião, a política, a reprodução).

Espaço – tempo – É o que se produz da mediação entre os objetos, podendo ser humano e não-humano. Espaço é uma associação entre lugares e coisas (LEMOS, 2013, p. 58).

Na articulação dos conceitos da TAR com a cibercultura, o autor problematiza o espaço e a mídias locativas, instigando uma atenção para as TIC’s e sua intervenção na criação de novos espaços e lugares informacionais e, portanto, no controle desses espaços. O autor destaca “(...) Uma panóplia de dispositivos portáteis e móveis embutidos nos mais

diversos objetos e acoplados ao corpo estão montando redes com aquilo que está próximo, informando sobre o que acontece ao redor, no mundo concreto das coisas (LEMOS, p. 176).

Assistimos nesse contexto uma transformação da nossa experiência cotidiana com as mídias em geral e com as mídias locativas. Os conceitos de Espaço e Tempo aqui são problematizados. “O espaço e o tempo não são absolutos, sendo, portanto, contingenciais. São dimensões das associações entre humanos e não humanos e, conseqüentemente, relativos, incertos, eventuais, gerados nas mais diversas mediações [...]” (p. 177).

A noção do espaço e do tempo nessa perspectiva é, portanto, central na TAR, à medida que tudo se acha em movimento, circulação. [...] (LEMOS, p.177). Desta feita o espaço seria então um espaço - rede que se compõe pela dinâmica de circulação de ações entre lugares e coisas (que estão nos lugares ou passando por eles e pelos objetos). E o Tempo se remete a uma simultaneidade, para além do passado, presente, e futuro. (p. 177).

O autor diz que as novas mídias (geolocalização) estão proporcionando o consumo, a produção, a distribuição da informação acoplada a uma dimensão hiperlocal [...] Ao invés de apenas se vislumbrar processos de desterritorialização, estamos assistindo, também, cada vez mais processos de territorialização com delimitações concretas de modos de produção do espaço por meio do registro de informações por tecnologias móveis com acesso a internet. (LEMOS, p.178). Para TAR não há nada local, ou global, mas apenas circulação, dessa forma, lugares não estão nos espaços, lugares criam espaços.

Outra idéia que cai por terra em destaque na obra é que não há um global agindo sobre o local, nem um local independente do global. Há conjuntos mais ou menos estáveis que se interpenetram e constituem em associações para determinada ação nos quais localizadores e articuladores e plugi-ns vão agir em determinado momento. Cabe ao analista social sair da armadilha de ter de escolher o seu lugar de análise, a partir do “micro (agencia, individual, interacionismo, a microeconomia). Pela comodidade de ter uma escala definida, um pólo fixo de observação, pois com essa atitude o analista faz desaparecer a dinâmica social.

Crítica

A obra sem dúvida traz uma análise diferenciada da cibercultura a partir da TAR, à medida que apresenta uma teoria que parece dar conta da dinâmica dos fenômenos emergentes que cercam a vida digital, com a compreensão dos artefatos tecnológicos como mediadores e não como meras ferramentas nos processos de mediação.

A teoria desloca a noção e o sentido da sociologia tradicional, repensando sobre a forma compartimentada de pensar os fenômenos sociais, ao apontar para a elaboração de cartografias, mostrando que não há uma substância como quer a sociologia tradicional e sim movimento, em que tudo é provisório.

Uma das suas principais contribuições é a não purificação da velha separação entre sujeito e objeto e apresenta o método da controvérsia, ainda que já enfatizado por alguns autores como Boaventura Santos, entretanto, com a teoria essa não separação pode ser visualizada mais concretamente quando ele diz que a técnica nos constitui, não podendo ser vista como algo que vai segregar o humano.

O destaque da teoria nesse sentido é a inclusão dos artefatos nesse movimento da constituição do social e da noção de controvérsia, que para Latour, não é gerada pelo pesquisador, mas deve ser reconhecida pelos vários mediadores envolvidos numa dada polémica acerca de um fenômeno. A técnica é parte da constituição do humano e não é vista como algo do mal e externo, mas que pode agir sobre os humanos e estes agir sobre esta no movimento das mediações.

A análise dos fenômenos sociais não parte de prescrições generalizantes ou totalizantes, pois o social para a TAR se forma no movimento permanente de circulação, de processos contingenciais, numa tentativa de propor outra forma de ver e analisar a dinâmica da sociedade.

O livro é leitura obrigatória para pós-graduandos das áreas da sociologia, pedagogia, antropologia, artes, comunicação social, enfim, todos que estudam sobre as transformações sociais que envolvem os fenômenos técnicos e informacionais da sociedade contemporânea.